

3ª Parte

Prosa de Ficção

A Dor do Mundo

João Clímaco Bezerra

As duas crianças começaram a descer a ladeira do morro. De repente a meninazinha começou a choramingar:

- Estou cansada, quero ir no braço.

O menino passou-lhe a mão pela cabeça, numa desajeitada tentativa de consolo:

- Fique calada, Nenén. Estamos chegando.

E apontou a cidade lá embaixo, com a torre da igreja muito branca. A meninazinha tentou andar, mas voltou a lamentar-se:

- Estou cansada.

Então o menino lembrou-se de que trazia um pequeno pedaço de rapadura no bolso. Procurou-o, entregando-o à irmã:

- Tome, não chore mais.

Aí sentaram-se os dois numa pedra à beira do caminho. O menino olhava a irmãzinha, com os olhos cheios de lágrimas, chupando o pedacinho de rapadura.

Com pouco mais estaria na casa do Vigário. O menino contaria a história. Uma vontade danada de chorar o foi dominando, mas venceu o pranto que teimava em aparecer.

A mãe morrera. De manhãzinha cedo, quando o menino se chegara à sua rede, encontrara-a morta. Do susto que recebera passou à reflexão. Não podia deixar a irmã sozinha. Não havia vizinhos. Sentiu que era necessário ir à cidade comunicar o ocorrido. E pensou no vigário. Ele conhecia a sua mãe. E decerto não haveria de abandoná-los.

Agora a irmã deixara de chorar e o menino convidou-a com ternura:

- Vamos:

A menina levantou-se e indagou:

- Por que você não chama a mamãe?

Sentiu uma vontade imensa de chorar, mas conteve-se. Então a menina zangou-se:

- Não vou, não. Mamãe vai brigar.

O menino abraçou-se ternamente à irmã. E vencendo mais uma vez o pranto, segredou:

- Não, mamãe não briga mais nunca. A mamãe está dormindo.

Um pintassilgo começou a cantar na aroeira da beira da estrada. O menino procurou uma pedra para atirar no passarinho. De repente lembrou-se da mãe, ralhando sempre:

- Deixa os passarinhos, menino.

A irmã voltou a chorar:

- Estou cansada, maninho.

O menino pôs a irmãzinha no braço e quis estugar o passo. Mas ela pesava muito. Não sabia avaliar a distância. Mas ainda era longe. Agora o sol esquentava. A estrada solitária abria-se à sua frente. Tinha de ir. Conduziu a irmã um bom pedaço. Colocou-a novamente no chão:

- Vamos, estamos chegando.

A menina ainda uma vez choramingou:

- Mamãe vai brigar.

Lá embaixo está a casa do Vigário. A vila. E atrás a mãe morta. E com a defunta, um medo terrível no menino. Medo de que um bicho entrasse na casa, viesse perturbar o sono tranqüilo da morta.

Nem sabe como chegou à porta do Vigário. Mas quando o vulto do Padre surgiu diante das duas crianças, o menino estendeu a mão para a benção e começou a chorar. Era um pranto tão grande que parecia brotar das entranhas da terra. Um choro agoniado de gente grande ou de menino que, de repente, tivesse recebido todo o sofrimento do mundo.